

A narrativa distópica do romance "A Nova Ordem" e as conexões com o projeto autoritário do governo Bolsonaro

 Alexleide Santana Diniz Soares*

 Ariosvalber de Souza Oliveira**

Resumo: Apresenta-se, aqui, uma análise das conexões do romance "A Nova Ordem" (2019), do escritor B. Kucinski, com o projeto autoritário do atual governo brasileiro. O estudo teve como base o gênero literário da distopia, aspecto conferido ao romance a partir das perspectivas de três obras clássicas distópicas: Admirável mundo novo (2009), 1984 (2009) e Fahrenheit 451 (2012). Na obra literária em destaque são expostas características sociais e políticas presentes atualmente no país, pautadas por um modelo autoritário de poder e marcadas pela opressão, perseguição às instituições de ensino e pelo combate às utopias. Esses elementos fazem parte da obra "A Nova Ordem", em que, no enredo, um novo sistema autoritário é implantado, o qual pode ser lido como um romance repleto de imagens que revelam aspectos do Brasil sob a gestão do governo Bolsonaro.

Palavras-chave: Distopia, Utopia, A Nova Ordem, Governo Bolsonaro.

The dystopian narrative of the novel "A Nova Ordem" and aslinked to the authoritarian project of the Bolsonaro government

Abstract: It presents an analysis of the connections of the novel A Nova Ordem (2019), by writer B. Kucinski, with the authoritarian project of the current Brazilian government. The study had as base the literary genre of the dystopia, aspect assigned to the novel from the perspectives of three classic dystopian works: Admirável Mundo Novo (2009), 1984 (2009), and Fahrenheit 451 (2012). The featured literary work exposes social and political characteristics currently present in the country, guided by an authoritarian model of power and marked by oppression, persecution of educational institutions, by the fight against utopias. These elements are part of the work A Nova Ordem, in which, in the plot, a new authoritarian system is implemented, which can read like a novel full of pictures that reveal aspects of Brazil under the management of the Bolsonaro government.

Keywords: Dystopia, Utopia, The New Order, Bolsonaro Government.

* Mestre em Engenharia Urbana e Ambiental pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: alexleide_diniz@hotmail.com

** Doutorando em História da Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: ariosvalber1313@gmail.com



Apresentação

As pessoas que não querem assumir nenhuma culpa acabam lavando as mãos em bacias de sangue¹ (Bertolt Brecht)

Nos últimos anos, no Brasil, o gênero literário distopia tem despertado interesse por parte dos leitores. Especialmente, em 2020, aumentou a procura por clássicos literários distópicos, tais como: “Ensaio Sobre a Cegueira”, de José Saramago; “Admirável Mundo Novo”, de Aldous Huxley; “O Conto da Aia”, de Margaret Atwood e o romance “1984”, de George Orwell, que ganhou notoriedade nos Estados Unidos, após a posse do presidente Donald Trump². Essa tendência de leitura permaneceu no período mais forte do isolamento social ocorrido durante a pandemia da COVID-19.

Esse cenário permite-nos algumas reflexões. O momento em que vivemos, de constantes crises econômicas e de uma presente cultura de violência urbana, leva ao aumento do nível de apreensão em muitas pessoas, na realização de suas ações cotidianas, pessoais e/ou profissionais e na projeção das atividades futuras. Vivenciamos um período histórico de muitas tensões sociais e de ascensão de projetos políticos de extrema direita em muitos países do globo. Somam-se a esse contexto as dificuldades de obtenção de emprego e de estabilidade financeira no mundo do trabalho. O crescimento do número de trabalhadores de aplicativos, vinculados a serviços de entregas de mercadorias, é um exemplo dessa conjuntura atual (Antunes, 2018).

A sensação de insegurança diante do presente/futuro foi potencializada pelos desdobramentos da COVID-19. Decerto, a maioria das pessoas nunca vivenciou uma experiência coletiva e individual tão traumática quanto essa pandemia que estamos vivendo.

O contexto social, político e econômico em que (sobre) vivemos pode ser uma chave de leitura na tentativa de compreensão do aumento da busca por obras literárias distópicas. Talvez isso se explique pelo fato de que as narrativas distópicas têm um perfil de destacar o futuro como um pesadelo.

¹ Os fuzis da Senhora Carrar. In: *Teatro de Bertolt Brecht, 1*. Tradução de: Antônio Bulhões. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976. p. 36.

² Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/narrativas-distopicas-viram-best-seller-apos-eleicao-de-trump-20945259>>. Acesso em: 03 jul. 2021.

Em outros termos, as projeções em torno do porvir são marcadas pela falta de esperança. “[S]e você quer formar uma imagem do futuro, imagine uma bota pisoteando um rosto humano – para sempre” (Orwell 2009: 312). Esse fragmento do romance “1984” sintetiza bem a sensação de angústia e de pessimismo diante do amanhã.

As obras ficcionais de distopias podem ser lidas como avisos e alertas literários de sociedades e cenários futuros tenebrosos nos quais as liberdades e os interesses individuais são suprimidos por sistemas sociais arbitrários. A demanda atual por narrativas distópicas podem revelar o interesse de muitos leitores em refletir os dados do tempo presente a partir da ficção.

Com base nesse contexto, esse artigo apresenta um estudo das possíveis conexões do romance “A Nova Ordem (2019)”, do escritor B. Kucinski, com o projeto autoritário do atual governo brasileiro, tomando como base as especificidades da distopia. Para embasar o aspecto distópico do romance, utilizamos também de imagens das obras “Admirável mundo novo” (2009), “1984” (2009) e “Fahrenheit 451” (2012).

A literatura distópica - ataques ao espírito crítico e aos livros

A literatura de ficção pode ser utilizada como fonte de pesquisa para o historiador. Todavia, é necessário entendê-la não como espelho que reflete diretamente a realidade exterior, uma vez que a narrativa ficcional se dimensiona e se alicerça na capacidade inventiva e poética do escritor. No entanto, as narrativas ficcionais são construções humanas realizadas num determinado espaço social e numa dada temporalidade. Assim, são artefatos que possibilitam visualizarmos aspectos da sociedade nos quais a obra e o autor estão inseridos. Ginzburg (2007) defende que o historiador pode utilizar um texto literário enquanto fonte histórica, contanto que estabeleça a busca por imagens indiretas possibilitadas pela narrativa ficcional. Tais dimensões devem ser confrontadas com outros documentos para, desta maneira, ser possível estabelecer aproximações com características da época e do tema escolhido pelo pesquisador.

Neste contexto, o gênero literário da distopia traz valiosas imagens para as reflexões em torno de questões sociais, políticas e culturais. Demonstraremos essa abordagem a partir de uma leitura de Kucinski (2019). O romance "A Nova Ordem", de B. Kucinski (2019), é iniciado com uma citação da obra "1984", de Orwell (2009: 99): "as massas nunca se revoltam por iniciativa própria e nunca apenas porque são oprimidas; enquanto não lhes for permitido comparar nem sequer se dão conta de que são oprimidas"; e com o trecho "o amor à servidão não pode ser instituído senão através de uma profunda reconstrução da mente e do corpo humano", retirado da obra "Admirável Mundo Novo"³.

Tais citações, que são de dois romances clássicos do gênero distopia, demonstram que Kucinski inicia seu romance localizando, para o leitor, a vinculação distópica da narrativa que o aguarda. Além disso, são indícios importantes para os argumentos levantados na trama da obra, nas suas proximidades e diferenças. A narrativa desenvolve-se na 3ª pessoa e o enredo, que acontece provavelmente no Brasil de 2019, divide-se num total de vinte e dois capítulos curtos.

Um aspecto relevante no romance diz respeito ao uso do termo "Nova Ordem"⁴, como forma de chamar a atenção para os ordenamentos impostos pelas ações que passaram a vigorar em um Brasil capitaneado pelos militares. A circunscrição com base no futuro, marca dos enredos dos livros de distopias, não se encontra bem indicada na obra em estudo, uma vez que não temos certeza em que ano acontece o enredo. Os éditos publicados são de 2019, o que sugere, mas não confirma, que os fatos narrados se desenvolvem no mesmo ano.

As tramas desenvolvem-se em torno de algumas personagens, a saber: Ariovaldo, capitão (principal); Marilda (esposa); Angelino, engenheiro, morador de rua e irmão de Marilda; Major Humberto e o General Lindoso Fagundes, que nas práticas cotidianas fazem referência a uma Nova Ordem

³ Não localizamos na nossa edição a citação do romance "Admirável mundo novo" usado por Kucinski na epígrafe, ambas passagens estão colocadas sem as referências bibliográficas.

⁴ A partir desse ponto, usaremos o termo Nova Ordem sem as aspas. Quando não for referente à narrativa do romance não terá as primeiras letras maiúsculas.

dos militares objetivada pela implantação das bases de um projeto neoliberal e pela eliminação dos “utopistas”, que são os opositores do regime.

Pode-se dividir a obra em duas dimensões: uma primeira, que se estende do primeiro ao terceiro capítulo, em que se estabelecem algumas características e o tom de governo da Nova Ordem e uma segunda, do quarto capítulo em diante, com a narrativa do projeto secreto de vigilância total de Ariovaldo, que é a tentativa de ter acesso aos pensamentos e aos sonhos dos opositores.

O enredo apresenta os interesses da Nova Ordem e os seus planos de tentativa de controle social e de destruição das forças de oposição ao regime, para tanto, várias operações são planejadas e efetivadas. A personagem principal do romance é o capitão Ariovaldo, que vive um casamento sem relação afetiva com Marilda. Essa tem um caso com o General Fagundes, resultando na promoção de Ariovaldo para Tenente-coronel, embora ele acredite que seja por seus méritos científicos.

Noutra dimensão, temos o ambicioso e malogrado projeto do protagonista principal de criar um mecanismo infalível de acesso e de controle ao pensamento e aos sonhos dos utopistas. A narrativa de invasão dos sonhos utopistas tem raízes, possivelmente, na distopia do Brasil da Nova Ordem, em razão que a oposição a ser extirpada é, prioritariamente, o grupo formado por pessoas que são classificadas nessa categoria. As ideias da trama têm como marcas prévias, dentre outras, a vivência de Bernardo Kucinski, que teve sua vida afetada pelo assassinato e desaparecimento de sua irmã Ana Rosa Kucinski Silva, em 1974, aos 32 anos, junto com Wilson Silva, seu esposo, no período da ditadura militar no Brasil (1964-1985).

O primeiro capítulo do romance traz o projeto de fechamento das Universidades e a morte do pensamento crítico. Um grupo de intelectuais e os chefes do instituto Butantã e de Manguinhos são presos sem saber que logo vão ser executados num plano intitulado “Cátedra” – eliminação de pensadores (Kucinski, 2019: 10). Isto faz parte de um contexto, apresentado na nota de rodapé, do Edito 2/2019 - ECONEC – ou a Economia Neoliberal – que, entre outras determinações, extingue o BNDES e o INSS.

O ataque ao pensamento crítico e a autonomia individual, bem como a tentativa de controle total sobre as pessoas são características típicas das distopias e são encontradas no romance "A Nova Ordem". Elas apresentam-se com nitidez nos modelos de governos e projetos autoritários de poder político de ontem e de hoje.

No Brasil atual, há um processo de ocupação de espaços de mídias e de poder por grupos que valorizam e propagam os valores obscurantistas em detrimento da ciência e do saber científico. Os terraplanistas e os adeptos das ideias propagadas por Olavo de Carvalho, denominados de *olavistas*, são exemplos emblemáticos dessa perspectiva.

Na gestão de Jair Bolsonaro as Universidades públicas, os órgãos e/ou Institutos de pesquisas, as entidades de representação das classes trabalhadoras e os intelectuais críticos ao seu governo, são alvos de ataques sistemáticos. Além disso, nos últimos anos, especialmente após a aprovação da Lei 95/2016 (conhecida como a PEC da morte) tem havido sucessivos cortes no orçamento da educação pública.

Paralelamente, a imposição de políticas de produtividade acadêmica que se instituem enquanto um padrão hegemônico de empresarização educacional, determinando a busca por metas e padrões de eficiência, constroem um processo de responsabilização dos resultados diretamente para as instituições e os seus membros constitutivos. Essa perversa política educacional é extensiva ao ensino básico (Freitas, 2018), dado que a responsabilização pela baixa qualidade da educação é, via de regra, direcionada aos professores.

Os processos de ataques às Universidades e aos Institutos Federais elevaram-se, principalmente a partir do golpe de 2016, com o impedimento do mandato da presidenta Dilma Rousseff (2011-2016) e com o advento da gestão do presidente de Michel Temer (2016-2018). Nasce aí o processo mais agressivo, com a aprovação da emenda constitucional 95/2016 que congela por vinte anos o orçamento da saúde e da educação.

O combate mais violento às Instituições Públicas de ensino superior, colocado em pauta na gestão do governo Bolsonaro, já era evidenciado na campanha do então candidato em 2018. Os discursos da campanha passaram

a ser verbalizados por ministros do governo contra as Instituições. Dentre as aberrações pronunciadas destaca-se a afirmação do então ministro Abraham Weintraub de que as Universidades são locais onde existem tão somente plantações de maconhas e espaços de balbúrdias⁵.

Somam-se a essas ações as interferências na autonomia das instituições, como por exemplo, na indicação dos reitores pelo executivo em detrimento do resultado de escolha interna⁶. Tais práticas podem ser associadas ao que Kucinski escreve em "A Nova Ordem", quando cria um contexto em que as Universidades Federais são extintas e no tocante ao ensino superior apenas os cursos técnicos continuam existindo. As ações que emergem das práticas do executivo federal estão impregnadas desses desejos e significam um combate ao pensamento crítico e aos utopistas.

Ainda no primeiro capítulo temos um diálogo revelador entre alguns intelectuais presos sobre os rumos sociais e políticos do Brasil. Perplexos pelo momento em que estão vivendo, refletem que mesmo não tendo um líder terrível como Stálin no comando da Nova Ordem, de nada adianta órgãos como a Ordem dos advogados no Brasil - OAB, uma vez que no novo regime tudo é possível. Algo que é retrucado por um acadêmico preso, no seguinte diálogo: "- Mas isso é fascismo! - Chame do que quiser; - eu digo que vivemos um estado excitado do capitalismo que se manifesta sempre que é preciso refrear os avanços no povo" (Kucinski, 2019: 15).

Essa passagem possibilita algumas reflexões sobre o atual governo e o seu projeto autoritário de poder, que tem como grande objetivo garantir as políticas econômicas neoliberais. Nesse contexto, Florestan Fernandes (1976) argumenta que no Brasil predomina a autocracia burguesa na gestão do poder político para manter os ordenamentos do capital e os interesses de sua classe⁷. Logo, os setores sociais das elites burguesas se valem de

⁵ Disponível em: <<https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,balburdia-plantacao-de-maconha-e-bloqueio-de-recursos-os-ataques-de-weintraub-as-universidades,70003203018>>. Acesso em: 07 set. 2020.

⁶ Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2021/02/23/bolsonaro-nomeia-pela-21-vez-reitor-que-nao-ficou-em-primeiro-na-consulta-publica>>. Acesso em 03 mai.2021.

⁷ Utilizamos aqui, particularmente, das reflexões do capítulo 7 "O modelo autocrático-burguês de transformação capitalista", p 289-352, em que o autor delinea de maneira densa e complexa como a burguesia brasileira optou pela condução do modelo autoritário de democracia limitada e de conciliação pelo alto.

contrarrevoluções preventivas quando o espectro de mudanças sociais e políticas se estabelecem no horizonte presente/futuro. Segundo Florestan (1976), foi o que aconteceu no golpe empresarial-militar de 1964.

Os argumentos postos por Florestan (1976) servem-nos para refletir sobre a retirada abrupta da presidenta Dilma Rousseff do poder. O partido dos trabalhadores, nos seus governos (2002-2016), optou por uma política de conciliação de classes e de implementação de políticas de bem-estar social via consumo⁸. Em outros termos, adotou políticas reformistas que tentaram mitigar os efeitos sociais das políticas neoliberais, isso sem efetivar alterações substanciais nas estruturas políticas e econômicas que sustentavam as enormes desigualdades sociais presentes no Brasil. Mesmo assim, tais ações limitadas geraram um processo de grande insatisfação de parcelas sociais da sociedade brasileira, principalmente das elites econômicas, que não se viram mais contempladas pelos governos petistas. Isso foi potencializado pelo maciço apoio de setores da classe média, da grande mídia, dos evangélicos, do judiciário e das forças armadas.

Outro aspecto interessante no diálogo é quando o personagem perplexo afirma, 'isto é fascismo' e logo recebe a resposta, 'chame do que quiser', pois o que interessa é a defesa dos interesses do capital financeiro. Neste âmbito, Marcelo Badaró (2019) levanta algumas reflexões pertinentes sobre o uso do termo fascismo para interpretar o projeto político federal vigente.

Badaró (2019) indica que não se pode apenas transpor literalmente os dados do fascismo histórico para dar conta de compreender este momento, ao tempo que também não se pode abrir mão desse horizonte interpretativo. Na mesma perspectiva, Umberto Eco (2018) chama a atenção para os cuidados em torno do risco presente do fortalecimento dos valores fascistas no mundo contemporâneo. Muitas ações do atual governo brasileiro se conectam aos valores preconizados pelo fascismo, tais como: a destruição do oponente; o uso sistemático da violência, a militarização das questões

⁸ Ricardo Antunes (2018: 217-290), na parte III "A era das conciliações, das rebeliões e das contrarrevoluções", do livro *O privilégio da servidão*, faz uma série de reflexões pertinentes sobre o contexto político e econômico em torno do processo que desembocou na destituição do mandato da Dilma Rousseff e do projeto de conciliação do PT.

sociais; o desprezo pelas instâncias democráticas liberais e a implementação autoritária de políticas econômicas para atender ao grande capital.

Neste sentido, Badaró (2019) indica a viabilidade da expressão “neofascismo”, uma junção que permite levar em conta as características peculiares dos valores implementados nos tempos atuais e também localizados no Brasil. Basta analisar alguns atributos do projeto de poder do atual mandatário que governa o país, como por exemplo: base de apoio de grandes setores das igrejas evangélicas; submissão aos interesses dos Estados Unidos na gestão de Donald Trump; ausência de um projeto político partidário consolidado, uma vez que não existe um partido oficial do atual presidente; uso sistemático de uma indústria bélica digital que se utiliza das redes sociais e de aplicativos de comunicação para destruir os indesejados e propagar *fake news*.

Outra característica notável no romance “A Nova Ordem” é o ataque aos livros, elemento comum em muitas distopias. Para exemplificarmos, cabe lembrar que os livros são artefatos de abominação na obra “Admirável Mundo Novo”, posto que, na sociedade onde é ambientado o enredo, as pessoas “crescerão com o que os psicólogos chamavam de um ódio instintivo aos livros e às flores. Reflexos inalteravelmente condicionados. Ficarão protegidos contra os livros e a botânica por toda vida” (Huxley, 2009: 54-55).

Já no romance “1984”, os livros são de controle total do partido e o objetivo é destruir a literatura do passado e do futuro. Escritores como Milton, Bryon e Shakespeare serão modificados a partir dos condicionamentos da novafala⁹ e os livros disponibilizados para os trabalhadores serão pornografias baratas elaboradas pelo departamento de ficção. Dado que “os livros eram simplesmente um produto que precisava ser fabricado, como geleias ou cadarços” (Orwell, 2009: 158).

⁹ Trata-se da língua construída pelo partido em que os significados são alterados a partir dos seus interesses, assim como algumas palavras são suprimidas e outras criadas. Em outros termos, os sentidos reais das palavras são dados e ordenados pelo partido no qual o grande projeto é limitar o pensamento (Orwell, 2009).

Por sua vez, no romance “Fahrenheit 451”¹⁰, temos uma sociedade localizada num futuro em que a função dos bombeiros é queimar livros. A personagem principal é o bombeiro Montag, o qual inicialmente exerce sua função normalmente, visto que “é um trabalho ótimo. Segunda-feira, Millay; quarta-feira, Whitman; sexta-feira, Faulkner. Reduza os livros às cinzas e, depois, queime as cinzas. Este é o nosso slogan oficial” (Bradbury, 2012: 18-19).

Nas passagens anteriormente destacadas dos romances distópicos: Admirável mundo novo (2009), 1984 (2009) e Farenheit 451 (2012), ficam evidenciados os ataques aos livros determinados pelas regras daqueles que dominam as sociedades em que estão ambientados os respectivos enredos. Esses fatores são recorrentes em narrativas literárias distópicas. Na sociedade opressora narrada pela “A Nova Ordem”, os livros são destruídos para tornarem-se papel higiênico, tanto que Angelino, catador de material reciclado, fica perplexo com as caçambas lotadas de livros despejados no lixo. Tal política fora instituída pelo édito:

13/2019 da nova ordem do impresso que cria o Departamento de preservação dos valores da nova ordem (DEPREVANO) e proíbe a produção, venda e circulação de publicações não aprovadas pelo DEPREVANO. O édito dá prazo de 60 dias para que pessoas e instituições se desfaçam dos impressos produzidos antes, excetuando-se da Bíblia Sagrada; seu artigo 3 extingue a Fundação Biblioteca Nacional e demais bibliotecas públicas, o artigo 4 dá prazo de 30 dias para gráficas e copiadoras se cadastrarem no DEPRAVANO (Kucinski, 2019: 23).

Nessa passagem encontramos um dos pontos marcantes das distopias e dos projetos políticos arbitrários de poder: a perseguição ao espírito crítico possibilitado pelos livros, algo extensivo aos intelectuais e escritores dissidentes. Aspectos presentes na “operação cátedra” determinada pela

¹⁰ Neste romance é interessante notar o arco dramático de Montag. Tal personagem inicia como um membro que aceita as regras do sistema, no entanto, depois de conhecer a jovem Clarisse, rebela-se e torna-se um resistente aos ordenamentos da política de destruição de livros. Essa transformação acontece a partir de algumas reflexões, entre elas: “ontem à noite eu pensei em todo o querosene que usei nos últimos dez anos. E pensei nos livros. E pela primeira vez percebi que havia um homem por trás de cada um dos livros. Um homem teve de concebê-los. Um homem teve de gastar muito tempo para colocá-los no papel. E isso nunca havia me passado pela cabeça” (Bradbury, 2012: 47). Além de uma distopia, esta obra também pode ser lida como uma tocante declaração de amor aos livros e à literatura.

Nova Ordem, que visava a eliminação dos intelectuais, como visto no início do presente tópico. Logo, faz-se necessária a máxima vigilância sobre o que é escrito, além da destruição de livros indesejados. Essas são características de governos autocratas, que seguem a lógica do arbítrio, nos quais a contestação e a liberdade de pensamentos são inaceitáveis. A perseguição do governo nazista aos escritores (comunistas e judeus) e a grande queima de livros em Berlim, no ano de 1933, são acontecimentos paradigmáticos desse contexto.

No Brasil de ontem e de hoje esse espírito de aversão e de censura a textos que não se enquadrem nos valores hegemônicos do poder político fazem-se presentes. Getúlio Vargas, que era o líder da ditadura do Estado Novo (1937-1945), em 1937, determinou a queima de mais de mil livros em praça pública na Bahia. As obras de Jorge Amado, tidas como propaganda comunista, foram as mais atacadas¹¹. Destaca-se também a terrível censura sobre livros, músicas e outras obras de artes durante a ditadura militar (1964-1985). Em 2019, na bienal do livro, no Rio de Janeiro, houve a apreensão de HQs com conteúdos homoafetivos. Tal ordem fora dada pela prefeitura, que tem a sua frente um dos líderes da Igreja Universal do Reino de Deus, o prefeito Marcelo Crivella, do Partido Republicano Brasileiro (PRB), que já se referiu ao presidente Jair Bolsonaro como um homem guiado por Deus¹².

Já no início de 2020 foi posto a público um ofício circular da Secretaria de Educação de Rondônia que determinava o recolhimento de 43 livros supostamente "inadequados", entre eles estavam obras de escritores como Machado de Assis, Ferreira Gullar e Mário de Andrade. O estado de Rondônia é governado pelo Coronel Marcos Rocha, do Partido Social Liberal (PSL). Ele e Crivella fazem parte da base de apoio do atual governo.

A partir do trecho do romance "A Nova Ordem" analisado, no qual são revelados, literariamente, aspectos de valores autoritários, podemos refletir sobre políticas semelhantes adotadas e reafirmadas na sociedade brasileira

¹¹Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/ditadura-vargas-incinerou-em-praca-publica-1640-livros-de-jorge-amado/>>. Acesso em: 08 set. 2020.

¹²Disponível em: <<https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2020-04-07/crivella-apoia-bolsonaro-e-diz-que-presidente-e-guiado-por-deus-nesta-crise.html>>. Acesso em: 08 set. 2020.

contemporânea. Isto no tocante ao ataque ao pensamento crítico representado pelos livros que destoam do consenso da política oficial, assim como aos que destacam as possibilidades de pluralidade de pensamento e de maneiras de ser e de estar no mundo, que não se coadunam aos valores culturais “cristãos hegemônicos” preconizados pelo atual projeto de poder à frente do país.

Utopia e distopia: A Nova Ordem e o desejo de controle total

Como vem sendo apresentado, o romance de Kucinski (2019) trata de um Brasil onde “A Nova Ordem” impõe suas regras autoritárias, em que está proibido o pensamento crítico. Trata-se de uma distopia que se conecta com temas recorrentes de outras obras do gênero. Algumas características de uma distopia estão postas no dicionário Houaiss (2009). Primeiramente, trata-se de um lugar ou estado imaginário em que se vive em condições de desesperança, privação e desespero. Uma antiutopia.

Em seguida, também se define como alguma representação de uma organização política e social futura determinada por estruturas sufocantes, com o objetivo de criticar tendências políticas e sociais do tempo presente, parodiando, satirizando, utilizado também enquanto alerta para aspectos perigosos em uma sociedade. Como exemplos de autores do gênero, Houaiss (2019) cita os escritores George Orwell e Aldous Huxley.

As distopias ganharam considerável impulso e visibilidade no século XX, obras clássicas do gênero como “Nós” (1924), “Admirável Mundo Novo” (1932), “1984” (1949), “Fahrenheit 451” (1953), foram publicados no período histórico em que eclodiram a revolução Russa (1917) e a ascensão do stalinismo (1927-1953); o surgimento e ascensão do nazifascismo; as duas guerras mundiais (1914-1918 / 1939-1945); e o início da corrida nuclear e da Guerra fria (1945-1989). Uma época de muitas tensões sociais e de profundas transformações culturais, em que tais narrativas distópicas refletiram literariamente sobre as contradições e os receios em torno dos avanços tecnológicos, bem como sobre projetos políticos de sociedade. Um momento histórico caracterizado por traumas e mudanças. Nessa ocasião,

alguns escritores, a partir de suas experiências e do seu tempo, expuseram visões literárias de sociedades localizadas em cenários futuros marcados pelo horizonte da desesperança e da opressão.

Os “utopistas” são os grandes inimigos da Nova Ordem e dos militares (Kucinski, 2019). São tidos como “loucos” pelo fato de quererem acabar com os bancos e, por conseguinte, com a lógica financeira. Essa questão é importante para adicionarmos reflexões em torno da expressão distopia a partir de alguns apontamentos sobre a utopia, uma vez que o primeiro conceito é uma contraposição do segundo.

No ano de 1535, após rejeitar a supremacia do rei Henrique VIII sobre a Igreja, Thomas Morus foi condenado como traidor e logo decapitado, mas ficou lembrado para a posteridade pelo o que havia feito alguns anos antes. Em 1516, o autor publicou a obra em que apresenta a expressão “utopia” para denominar uma ilha onde as coisas e a vida são totalmente diferentes da sociedade em que ele vivia. Morus criou uma expressão nova e um gênero literário-filosófico que influenciou uma série de livros posteriores que trouxeram em suas narrativas relatos de viagens e de sociedades imaginadas. Alguns exemplos são os textos: “A cidade do Sol” (1602), de Tommaso Campanella; “Nova Atlântida” (1627), de Francis Bacon e “La Isla de los Pines” (1668), de Herry Neville.

Todavia, não foi Morus o primeiro a expressar em texto uma sociedade idealizada. Ele criou a expressão Utopia, que é a união dos termos (ou = não) e (topos = lugar), o “não-lugar”, a partir de tradições anteriores que descreveram sociedades imaginadas, avançadas, ideais e/ou idealizadas. Neste sentido, basta lembrar “A República”, de Platão. Cabe destacar que a ilha de utopia criada por Morus não era perfeita para todos, por exemplo, continuam existindo escravos e as mulheres não têm muitos espaços de autonomia. É preciso refletir sobre esse processo contraditório da utopia, que pode conter os germes da utopia negativa: a distopia. Essa última é uma palavra formada pela aflição dos termos (“dys” = “mau”) e (“topos” = “lugar”), “o mau lugar”¹³.

¹³ Para boas reflexões sobre o tema, recomendo o texto “Utopia: passado, presente e futuro de um não-lugar variações sobre um tema de Thomas Morus”, de Andityas Soares de Moura Costa Matos, posfácio do livro a Utopia (2017: 226-247).

Thomas Morus viveu na época da expansão da cultura humanista e do início das grandes navegações, entre os séculos XV e XVI. Um período histórico marcado por desejos de mudanças de vida e de sociedade. Marilena Chaui (2016: 32) indica que “só pode haver utopia quando se considera possível uma sociedade totalmente nova e cuja diferença a faz ser absolutamente outra”. É nessa conjuntura que reside a energia da utopia. Chaui (2016: 43) nos lembra que nenhuma narrativa utópica causou influência no transcórre da história por seu realismo, mas sim pela negação profunda “das fronteiras do real instituído e por oferecer aos agentes sociais a visão de inúmeros possíveis. O utopista desloca a fronteira daquilo que os contemporâneos julgam possível”.

Assim, Marilena Chaui (2016) ajuda-nos a melhor compreender os significados da obra “Utopia”, por exemplo, quando Morus (2017: 81) defende que a igualdade só pode existir no momento em que for abolido a propriedade privada, ele está ressaltando valores opostos à sua sociedade, que era estruturada no privilégio da posse e do nascimento. Desse modo, a utopia não é tão somente pensar algo fantasioso, mas, sim, ampliar outras projeções de pensamentos em torno da sociedade e da vida humana. Em outros termos, ao representar as possibilidades de novas maneiras de ser e de estar no mundo, a narrativa utópica sinaliza que pode existir um horizonte social e cultural de vida diferente. Mesmo que muito distante, em cenários fictícios não localizados geograficamente, este espaço encontra-se sinalizado.

É por essas questões, em torno da utopia, que se pode melhor compreender o horror dos militares da Nova Ordem aos utopistas, daí a “operação quimera”, concebida para aniquilar a perturbação utopística, como diz a voz narrativa:

No Estado maior houve debates sobre a designação correta do movimento subversivo. Deveria ser “revolução utópica”, “revolução utopista” ou revolução utopística? Foi descartado o adjetivo “utópico” por sua conotação de movimento fantasioso, sem nenhum perigo e fixado o adjetivo substantivado “utopista” para designar a pessoa subversiva e o adjetivo “utopístico” para o movimento (Kucinski, 2019: 63).

Neste sentido, o movimento de oposição ao sistema dos militares da Nova Ordem deve-se chamar “utopístico” e “utopistas” para as pessoas

questionadoras, aspectos que reforçam o tom questionador e de enfrentamento. A voz narrativa, assim, direciona uma imagem diferente daquela que associa a utopia tão somente aos aspectos fantasiosos e destaca a potência desestabilizadora da utopia e dos utopistas.

Voltando ao enredo do romance, temos o plano do tenente-coronel Ariovaldo de ter acesso e controle ao pensamento e aos sonhos dos utopistas. Esse é o eixo central da obra. Nisso, a personagem principal pensa em vários planos mirabolantes para conseguir esse domínio total sob os opositores, para tanto, conta com o apoio do General Lindoso Fagundes.

Além disso, a Nova Ordem implanta a operação Cândia, que visa eliminar os mendigos e os despossuídos, dado que, na lógica financeira defendida pelo sistema, o Brasil precisa apenas de 30 milhões de pessoas, “é um exagero 210 milhões de habitantes, uma vez que o mercado interno não precisa desse contingente” (Kucinski, 2019: 126).

Retomando o plano central de Ariovaldo – o controle total sobre as pessoas a partir da mente – ele descobre que os sonhos são frutos dos desejos e das paixões das pessoas, para isto cria um *chip* de customização somado a um projeto de psicanálise aplicado que visa produzir pessoas dóceis. No entanto, o plano torna-se um fracasso. A Nova Ordem passa por uma série de crises devido à falta de quadro para substituir os antigos dirigentes e Ariovaldo não consegue ter acesso ao controle do pensamento e dos sonhos dos utopistas. Tendo em vista que a maioria dos utopistas foram dizimados e ao serem retirados os desejos e as paixões, as pessoas pararam de sonhar no Brasil da Nova Ordem (Kucinski, 2019: 175). Por fim, a personagem principal da trama em análise acaba enlouquecendo.

Nessa dimensão do romance “A Nova Ordem” reside o projeto de controle total sobre as pessoas, o domínio a respeito do que elas pensam. Essa é outra característica relevante dos romances distópicos e de projetos políticos autoritários. Presente, por exemplo, na obra “1984”, quando o O’Brien, algoz da personagem principal Wiston Smith, explica que o controle total sobre as pessoas é uma das características principais da sociedade projetada pelo partido e pelo grande irmão, pois, segundo ele, “é intolerável para nós a existência, em qualquer parte do mundo, de um pensamento

incorreto, por mais secreto que seja. Nem no momento da morte podemos permitir o mínimo de desvio” (Orwell, 2009: 299). Já no romance “Fahrenheit 451”, o capitão Beatty (responsável por supervisionar a queima de livros) alerta, ao inquieto bombeiro Montag, que “todo homem é demente quando pensa que pode enganar o governo e a nós” (Bradbury, 2009: 35).

O controle opressivo presente em muitos romances distópicos apontam também para o desejo de que as pessoas aceitem as políticas arbitrárias impostas sem questionamentos. No condicionamento de aceitar o mundo como ele se apresenta, sem reflexão e muito menos objeções, esses também são os desejos dos militares que conduzem a Nova Ordem (Kucinski, 2019). Algo semelhante ocorre no livro “Admirável Mundo Novo”, em que o segredo da felicidade plena “é fazer as pessoas amarem o destino social de que não podem escapar” (Huxley, 2009: 44).

Dessa maneira é sintomático que os inimigos do sistema da Nova Ordem sejam os utopistas que são contra os bancos e, por conseguinte, contra a lógica financeira. Essa perspectiva tem uma relação direta com o desejo de controle da vida das pessoas, tendo em vista que atualmente o sistema capitalista exerce a matriz que rege o sentido das nossas vidas. Dessa forma, não paramos para refletir que o ordenamento financeiro econômico, assim como o social, são construções humanas. O capitalismo não é algo natural, dado desde sempre na humanidade, ele nem sempre existiu na história do homem em sociedade. Sendo assim, o sistema capitalista pode um dia deixar de existir e/ou ser substituído.

Esses aspectos fazem com que a população aceite as restrições orçamentárias impostas pelas políticas neoliberais sem maiores questionamentos. Além disso, esse sistema econômico, que visa o lucro acima de tudo e de todos, invade as várias instâncias da vida social e pessoal, estimulando o individualismo, a competição entre as pessoas, e, o pior, legitimando as desigualdades sociais e a barbárie.

As narrativas distópicas caracterizam-se pela projeção de uma sociedade arbitrária em que os donos do poder são os privilegiados, são os que determinam as regras do jogo, o modo como as pessoas devem ser e estar no mundo, desta forma, sufocando e eliminando o dissenso e as pessoas

que não aceitam tais ordenamentos. Pode-se indicar que tais valores, à sua maneira, estão presentes no Brasil atual.

Fatos semelhantes encontram-se no romance "A Nova Ordem" (2019), de B. Kucinski, possivelmente, são de seu interesse devido há alguns acontecimentos vividos pelo autor, que teve sua irmã morta e desaparecida pelos militares durante o regime militar (1964-1985). Kucinski é um escritor que sofreu na pele os horrores das forças do arbítrio, que reapareceram com protagonismo no contexto do atual poder político à frente do Brasil. Como bem reflete Kucinski, no seu romance "K", sobre a permanência dos valores de exceção fincados na sociedade brasileira pelos militares, "a ditadura finalmente agonizará, assim parece a todos; mas não será a agonia que precede a morte, será a metamorfose, lenta e autocontrolada" (Kucinski, 2011: 90).

A importância do romance "A Nova Ordem" (2019) reside na capacidade de literariamente possibilitar reflexões relevantes sobre uma sociedade estabelecida pelos militares e caracterizada pela opressão, em que as pessoas deixaram de sonhar e de lutar contra tal sistema. Como uma boa distopia, serve-nos de alerta a uma sociedade imaginada ficcionalmente próxima da qual vivemos, assim como nos adverte onde é possível chegar, caso aceitemos sem questionamentos e enfrentamentos as ações arbitrárias impostas pelos poderes que regem atualmente as políticas públicas no Brasil.

Considerações finais

As obras literárias distópicas revelam aspectos de sociedades opressoras nas quais as pessoas perdem o direito ao espírito autônomo e questionador. O romance "A Nova Ordem" (2019) expõe uma narrativa que pode ser utilizada em estudos que buscam compreender características do Brasil contemporâneo. No Brasil, estamos imersos numa escalada autoritária, em que uma intervenção militar se torna um projeto de poder existente no horizonte. Acompanhamos a ascensão ao poder de forças neofascistas e de ataques constantes aos valores preconizados pelos direitos humanos, assim como agressões terríveis à natureza.

O governo de Jair Bolsonaro, chancelado por grandes setores das forças armadas e das elites econômicas do Brasil, revela-se como grande ameaça a qualquer projeto de país e de sociedade mais justa, com algum horizonte politicamente democrático.

“A Nova Ordem” (2019) é uma distopia brasileira que merece atenção por parte dos leitores e pesquisadores. A análise aqui realizada deixou de fora muitos aspectos da obra, que podem ser explorados de maneira mais sistemática. Ao leitor, fica o convite para a leitura do romance e para ampliar as possibilidades interpretativas em torno dele.

Por fim, miremo-nos numa reflexão extraída da peça “Os fuzis da Senhora Carrar”, de Bertolt Brecht (1976), em que temos o drama de uma mãe espanhola que não quer presenciar seus filhos participando da frente de combate às forças franquistas. Um operário, em um diálogo com ela, questiona sua posição afirmando que as pessoas lavam as mãos em bacias de sangue quando se portam indiferentes diante da injustiça e da opressão.

No Brasil atual, usando a reflexão de Brecht, não é de bom alvitre manter uma postura de indiferença, viver como se nada de anormal estivesse acontecendo, como se as injustiças e os ataques constantes à dignidade humana, à natureza e aos direitos sociais, fizessem parte de um “novo normal”, de uma “nova ordem”. Diante das políticas arbitrárias implementadas pelo governo Bolsonaro, respaldadas por seus hidrófobos apoiadores, ser indiferente é lavar as mãos em bacia de sangue. Pior ainda, é perder a capacidade de lutar e de acreditar que outros projetos de sociedade e de país são possíveis.

Referências bibliográficas

Endereços eletrônicos

AGÊNCIA O GLOBO. *Crivella apoia Bolsonaro e diz que presidente é "guiado por Deus" nesta crise*. Jornal Último Segundo, 07 de abril de 2020. Disponível em: <<https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2020-04-07/crivella-apoia-bolsonaro-e-diz-que-presidente-e-guiado-por-deus-nesta-crise.html>>. Acesso em: 08 set. 2020.

BRASIL. Constituição (1988). *Emenda constitucional nº 95, de 15 de dezembro de 2016*. Altera o Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o Novo Regime Fiscal. Brasília, em 15 de dezembro de 2016. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc95.htm>. Acesso em: 03 set. 2020.

KER, João. *Balbúrdia, plantação de maconha e bloqueio de recursos: os ataques de Weintraub às universidades*. O Estadão. São Paulo, 19 de fevereiro de 2020. Disponível em: <<https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,balburdia-plantacao-de-maconha-e-bloqueio-de-recursos-os-ataques-de-weintraub-as-universidades,70003203018>>. Acesso em: 07 set. 2020.

MELITO, Leandro. *Bolsonaro nomeia pela 22ª vez reitor que não ficou em primeiro na consulta pública*. Brasil de Fato. São Paulo, 23 de Fevereiro de 2021. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2021/02/23/bolsonaro-nomeia-pela-21-vez-reitor-que-nao-ficou-em-primeiro-na-consulta-publica>>. Acesso em 03 maio de 2021

RAMOS, Jorge. *Ditadura Vargas incinerou em praça pública 1.640 livros de Jorge Amado*. Jornal Correio da Bahia, Salvador, 10 de agosto de 2012. Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/ditadura-vargas-incinerou-em-praca-publica-1640-livros-de-jorge-amado/>>. Acesso em: 08 set. 2020.

TORRES, Bolívar. *Narrativas distópicas viram best-sellers após eleições de Trump*. O globo cultura – livros, 20 de janeiro de 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/narrativas-distopicas-viram-best-seller-apos-eleicao-de-trump-20945259>>. Acesso em 14 jul. 2021.

Bibliografia

AMARAL, Nelson Cardoso. As universidades federais brasileiras sob ataque do governo Bolsonaro. *Propuesta Educativa*, v. 12, ano 28, n. 52, p. 127-128, nov. 2019. ISSN 1995-7785.

ANTUNES, Ricardo. A era das conciliações, das rebeliões e das contrarrevoluções. In: _____. *O privilégio da servidão: o novo proletário de serviços na era digital*. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 217-290.

BRADBURY, Ray. *Fahrenheit 451*. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Biblioteca Azul, 2012.

BRECHT, Bertolt. Os fuzis da Senhora Carrar. In: *Teatro de Bertolt Brecht, 1*. Tradução de Antônio Bulhões. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

CARLOTTO, Maria Caraméz. Guerra em campo aberto: as disputas pela mudança estrutural do espaço intelectual. *In*: CASSIO, Fernando (org.). *Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar*. São Paulo: Boitempo, 2019. p. 121-126.

COSTA MATOS, Andityas Soares de. Utopia: passado, presente e futuro de um não-lugar variações sobre um tema de Thomas Morus. *In*: MORE, Thomas. *Utopia*. Tradução de Márcio Meirelles Gouvêa Jr. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 226-247.

CHAUÍ, Marilena. Notas sobre utopia. *In*: SOUSA, Cindoal Morais de (org.). *Um convite à utopia*. Campina Grande: EDUEPB, 2016. p. 29-46.

ECO, Umberto. *O fascismo eterno*. Tradução de Eliane Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2018.

FERNANDES, Florestan. *A revolução burguesa no Brasil: ensaios de interpretação sociológica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FREITAS, Luiz Carlos de. *A reforma empresarial da educação: nova direita, velhas ideias*. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

GINZBURG, Carlo. Paris, 1647: um diálogo sobre ficção e história. *In*: _____. *O fio e os rastros: Verdadeiro, falso, fictício*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 79-93.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2009.

HUXLEY, Aldous. *Admirável Mundo Novo*. Tradução de Vidal de Oliveira. Rio de Janeiro: Globo, 2009.

KUCINSKI, B. *A nova ordem*. São Paulo: Alameda, 2019.

_____. *K*. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

MATTOS, Marcelo Badaró. Mais que uma analogia: análises clássicas sobre o fascismo histórico e o Brasil de Bolsonaro. *In*: CISLACGHI, Juliana Fiuza e DEMIER, Felipe. *O neofascismo no poder (Ano I): Análises críticas sobre o governo Bolsonaro*. Rio de Janeiro: consequência, 2019.

MORE, Thomas. *Utopia*. Tradução de Márcio Meirelles Gouvêa Jr. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MUSSOLINI, Benito. *A doutrina do Fascismo*. Tradução de Regina Lyra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

ORWELL, George. *1984*. Tradução de Alexandre Hubner & Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.